

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
ESCOLA SUPERIOR DE CIÊNCIA DA SAÚDE – ESA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA – OFERTA REGULAR

GILBERTO DE ARAÚJO MAIA JÚNIOR

AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA COMUM DE MANAUS
SOB A PERSPECTIVA DE UM ACADÊMICO SURDO: narrativas e propostas

MANAUS – AM

2024

GILBERTO DE ARAÚJO MAIA JÚNIOR

**AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA COMUM DE MANAUS
SOB A PERSPECTIVA DE UM ACADÊMICO SURDO: narrativas e propostas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado do Amazonas (UEA) como requisito final da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Roberto dos Santos

MANAUS – AM

2024

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

M217aa Maia Júnior, Gilberto de Araújo

As aulas de educação física em uma escola comum de Manaus sob a perspectiva de um acadêmico surdo : narrativas e propostas / Gilberto de Araújo Maia Júnior. Manaus : [s.n], 2024.
31 f.: color.; 30 cm.

TCC - Graduação em Educação Física - Licenciatura - Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2024.
Inclui bibliografia
Orientador: Marcos Roberto dos Santos

1. Narrativa autobiográfica. 2. Acadêmico surdo.
3. Libras. 4. Atividades adaptadas. 5. Escola inclusiva.
I. Marcos Roberto dos Santos (Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III. As aulas de educação física em uma escola comum de Manaus sob a perspectiva de um acadêmico surdo

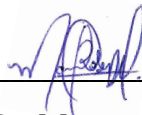
Gilberto de Araújo Maia Júnior

**AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA COMUM DE MANAUS
SOB A PERSPECTIVA DE UM ACADÊMICO SURDO: narrativas e propostas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade do Estado do Amazonas (UEA) como
requisito final da disciplina Trabalho de Conclusão de
Curso para a obtenção do título de Licenciado em
Educação Física.

Manaus, 21 de fevereiro de 2024

BANCA EXAMINADORA



Prof. Orientador Dr. Marcos Roberto dos Santos

Universidade do Estado do Amazonas

Prof^a. Dra. Andressa Ribeiro Contreira

Universidade do Estado do Amazonas



Prof. Me. Jackson da Silva Vale

Universidade do Estado do Amazonas

RESUMO

As políticas para a educação de surdos têm crescido significativamente no Brasil em todas as áreas do conhecimento. Isso torna necessário que as aulas de Educação Física nas escolas comuns do ensino regular sejam acessíveis e inclusivas para surdos e ouvintes. Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar as experiências e metodologias utilizadas pelo acadêmico surdo do curso de Educação Física da UEA durante o estágio supervisionado, à luz da pesquisa narrativa autobiográfica, bem como propor atividades adaptadas para a inclusão de alunos surdos e ouvintes na disciplina. Para isso, foi realizada apresentação dos modelos educacionais para surdos na atualidade; levantamento da legislação sobre a educação de alunos surdos no contexto do ensino inclusivo; reflexão sobre as práticas docentes nas aulas de Educação Física no contexto do ensino comum e; discussão de ideias de acessibilidade linguística para surdos nas aulas de Educação Física. Foram utilizados os estudos sobre educação de surdos de Góes (1999), Strobel (2007), Santos (2017) e outros. Além disso, foram utilizados documentos oficiais como legislações sobre Libras e Educação de surdos. Trata-se de uma pesquisa narrativa, de natureza qualitativa e tem como técnica de geração de dados a carta autobiográfica. O referencial teórico-analítico é a Análise de Conteúdo. Os dados apontam para a necessidade da reflexão da práxis pedagógica dos professores surdos e ouvintes para que lancem mão de atividades adaptadas que incluem surdos e ouvintes nas aulas.

Palavras-chave: Narrativa autobiográfica. Acadêmico surdo. Libras. Atividades adaptadas. Escola inclusiva.

ABSTRACT

Policies for the education of the deaf have grown significantly in Brazil in all areas of knowledge. This makes it necessary for Physical Education classes in regular schools to be accessible and inclusive for deaf and hearing people. Therefore, this research has the general objective of analyzing the experiences and methodologies used by the deaf academic of the UEA Physical Education course during the supervised internship, in the light of autobiographical narrative research, as well as proposing adapted activities for the inclusion of deaf and hearing students. in discipline. To this end, a presentation of current educational models for the deaf was made; survey of legislation on the education of deaf students in the context of inclusive education; reflection on teaching practices in Physical Education classes in the context of common education and; discussion of linguistic accessibility ideas for deaf people in Physical Education classes. Studies on deaf education by Góes (1999), Strobel (2007), Santos (2017) and others were used. Furthermore, official documents such as legislation on Libras and Deaf Education were used. This is a narrative research, qualitative in nature and its data generation technique is the autobiographical letter. The theoretical-analytical framework is Content Analysis. The data point to the need to reflect on the pedagogical praxis of deaf and hearing teachers so that they can use adapted activities that include deaf and hearing people in classes.

Keywords: Autobiographical narrative. Deaf academic. Libras. Adapted activities. Inclusive school.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	7
1 MODELOS EDUCACIONAIS PARA SURDOS	8
2 ASPECTOS LEGAIS DA EDUCAÇÃO PARA SURDOS NO BRASIL.....	10
3 A EDUCAÇÃO FÍSICA PARA SURDOS	12
4 METODOLOGIA.....	13
5 ANÁLISE DE DADOS.....	15
5.1 A DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO PERCURSO FORMATIVO DO ALUNO SURDO	15
5.2 O ACADÊMICO SURDO NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE EDUCAÇÃO FÍSICA	20
5.3 SUGESTÕES DE ATIVIDADES ADAPTADAS PARA SURDOS	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS	26
ANEXO.....	29

Considerações Iniciais

A história da educação de surdos é marcada por modelos ouvintistas que valorizavam a utilização da língua oral e a desvalorização das línguas de sinais. Esses modelos trazem à tona a exclusão escolar e os estigmas sobre a comunidade surda.

Na Educação Física, assim como em outras áreas do conhecimento que não são específicas de língua de sinais é muito comum haver professores que desconhecem a Libras, tão pouco conhecem estratégias metodológicas diferenciadas que vão ao encontro das necessidades dos surdos.

Por isso é muito importante que as instituições de ensino superior abram as portas para que possam ingressar cada vez mais pessoas surdas nos diversos cursos de formação de professores, uma vez que a representatividade e o modelo referencial de professor surdo contribui para o bom andamento do processo de construção de ensino e aprendizagem.

Diante do cenário em que o acadêmico surdo, no curso de Educação Física, inicia suas atividades docentes no estágio supervisionados, cabe o seguinte questionamento: a) como a narrativa autobiográfica pode contribuir para a reflexão da práxis pedagógica dos docentes surdos e ouvintes? e; b) de que forma, o acadêmico surdo do curso de Educação Física da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) pode pensar estratégias metodológicas inclusivas durante o estágio supervisionado na escola comum do ensino regular?

Para responder a essas perguntas traçamos o seguinte objetivo geral: analisar as experiências e metodologias utilizadas pelo acadêmico surdo do curso de Educação Física da UEA durante o estágio supervisionado, à luz da pesquisa narrativa autobiográfica, bem como propor atividades adaptadas para a inclusão de alunos surdos e ouvintes na disciplina. Como objetivos específicos temos os seguintes: a) apresentar os modelos educacionais para surdos na atualidade; b) fazer um levantamento da legislação sobre a educação de alunos surdos no contexto do ensino inclusivo; c) refletir sobre as práticas docentes nas aulas de Educação Física no contexto do ensino comum e; d) discutir ideias de acessibilidade linguística para surdos nas aulas de Educação Física.

Para isso foram utilizados os estudos sobre educação de surdos de Góes (1999), Strobel (2007), Santos (2017) e outros. Além disso, foram utilizados documentos oficiais como legislações sobre Libras e Educação de surdos. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, pesquisa narrativa e como técnica de geração de dados a carta autobiográfica.

Escolhi a temática dessa pesquisa pelo fato de ser um acadêmico surdo do curso de Educação Física da UEA e viver experiências no estágio supervisionado que necessitei buscar

estratégias para desenvolver as atividades propostas. Além disso, essas experiências do estágio são reflexos dos entraves comunicacionais de todo o processo educacional vividos por surdos.

Dessa forma, as experiências apresentadas na pesquisa apontam para a necessidade de que os professores de Educação Física (re)pensem suas aulas de forma que valorizem a diversidade linguística presentes na sala de aula. Essa valorização perpassa o conhecimento da cultura surda e o compartilhamento da língua de sinais para que o processo de subjetivação do surdo dentro da escola comum do ensino regular aconteça de forma positiva.

1 Modelos Educacionais para Surdos

Ao longo da história, muitas abordagens educacionais existiram para que nós surdos tivéssemos acesso à educação. Tais modelos nem sempre foram satisfatórios e foram ao encontro das reais necessidades da comunidade surda. Nessa seção discutirei os modelos educacionais conhecidos como: *oralismo*, *bilinguismo* e *Educação Inclusiva*.

O oralismo teve início por volta de 1880, após a realização do Congresso de Milão, um evento que contou com a participação de vários países para definir o modelo educacional para surdos. Neste evento, ficou definido que a educação para surdos teria como base a oralidade, ou seja, as escolas deveriam priorizar o uso e ensino da língua oral.

Esse modelo foi uma grande dificuldade para os surdos, pois não ouvimos o som das palavras, sendo assim, temos dificuldade em emití-las por meio da nossa voz. Com base na língua oral, o cognitivo do surdo sofre atraso em desenvolver o aprendizado e o uso das letras em comparação ao dos ouvintes. No congresso, os surdos foram oprimidos e esquecidos quando priorizaram o oralismo, excluindo-nos por não entendermos o método oral (Novaes, 2010).

Quando os surdos possuem pais ouvintes há uma diferença daqueles que possuem os pais surdos. Surdos filhos de surdos adquirem a língua de sinais naturalmente desde o nascimento, assim sua aprendizagem se dá de uma forma mais eficiente. Já os pais ouvintes, geralmente pertencem a uma ideologia da deficiência, exigem que os filhos surdos oralizem.

Nós oralizamos, mas com muita dificuldade e, por não conseguirmos oralizar, muita das vezes nos sentimos excluídos na nossa própria família, sem ter acesso às informações, nos sentimos solitários por não saber falar a língua oral. É possível que os pais de surdos desenvolvam o aprendizado da Libras, juntamente com a comunidade surda de forma eficaz, assim é repassado esse conhecimento de geração em geração, contribuindo para o desenvolvimento social dos surdos (Góes, 1999).

Após várias polêmicas sobre o método oralista e o fracasso educacional, na década de 1980 surge a abordagem bilíngue na educação de surdos. Constata-se, então, que o surdo tem a

capacidade de aprender uma língua de sinais, pois é sua língua natural. Não é certo pensar que surdo é mudo, há uma diferença, pois a comunidade surda possui sua língua e sua cultura que envolve a Língua de Sinais (Ferreira, 2010).

A escola bilíngue tem como diferença da escola oralista, principalmente, o papel das línguas, nela a língua de sinais é a primeira língua da escola e a língua oral a segunda, na modalidade escrita. Esse ambiente escolar bilíngue é de suma importância para os surdos, pois com ele é possível a interação entre alunos e professores, alunos e alunos etc. Além disso, podem conhecer e aprender a língua de sinais, desenvolver sua cultura e identidade (Novaes, 2010).

Atualmente no Brasil, há dois modelos vigentes de educação para surdos: a educação bilíngue de surdos e a educação inclusiva. Como já foi discutido, a Educação Bilíngue de Surdos possui um currículo totalmente voltado para a língua de sinais, memórias e cultura dos surdos.

Já a Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva tem como princípio a integração de todas as pessoas que são público-alvo dela, como pessoas com deficiência, pessoas com transtornos globais do desenvolvimento e pessoas com superdotação/altas habilidades em escolas comuns do ensino regular, mas isso acaba afastando o surdo do ensino regular, pois a pessoa surda possui uma diferença linguística, o que mostra que a sociedade não entende o que de fato é a surdez. Isso dificulta a aprendizagem nas escolas regulares, por isso a surdez deve ser vista diferente de uma deficiência.

Pensar em inclusão nas escolas é pensar em incluir o surdo em todo o processo de construção de ensino e aprendizagem. Relacionar a inclusão somente para deficientes físicos é um erro, pois os surdos têm direito à acessibilidade nas escolas inclusivas também, como a presença dos tradutores e intérpretes de Libras-Português, traduzindo tanto do português para Libras quanto de Libras para português, na modalidade escrita e vocalização. Dessa forma, será mais bem sucedido o desenvolvimento psicossocial do surdo (Strobel, 2007).

Os Deficientes Auditivos (DA) não se encaixam nessa proposta de educação bilíngue, presença de intérpretes e outras formas de acessibilidade linguística porque sua identidade é construída com base na cultura ouvintista. Na próxima seção abordarei a legislação que embasa a estrutura da educação inclusiva no Brasil.

2 Aspectos legais da educação para surdos no Brasil

A educação para surdos sofreu diversas mudanças ao longo da história de acordo com o contexto social e cultural vigente, conforme foi discutido na seção anterior. No Brasil, além das questões ideológicas, a educação para essas pessoas possui aparato legal garantido na constituição federal.

Um dos primeiros documentos a orientar a educação que envolve alunos surdos é a Declaração de Salamanca (1994). Ela estabelece as diretrizes da Educação Especial e define o seu público: deficientes, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades/superdotação. Nesse modelo, os surdos se encaixam na categoria dos deficientes.

Além disso, ela estabelece que o público da educação especial deve, preferencialmente, estudar nas escolas comuns do ensino regular. Porém, sobre os surdos, a Declaração de Salamanca (1994, p. 7) estabelece que:

A importância da linguagem de signos como meio de comunicação entre os surdos, por exemplo, deveria ser reconhecida e provisão deveria ser feita no sentido de garantir que todas as pessoas surdas tenham acesso a educação em sua língua nacional de signos. Devido às necessidades particulares de comunicação dos surdos e das pessoas surdas/cegas, a educação deles pode ser mais adequadamente provida em escolas especiais ou classes especiais e unidades em escolas regulares. (Unesco, 1994)

Na declaração supracitada, orienta que devido às especificidades linguísticas das pessoas surdas, a escola que mais se adequa é a escola específica para eles, uma vez que nessa escola há a valorização da língua de sinais e da identidade linguística.

Seguindo esse movimento mundial pela inclusão, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, diz em seu artigo Nº 58 que “[...] entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais (Brasil, 1996). De acordo com a LDB, todos os alunos que são público-alvo da Educação Especial, como cegos, surdos, deficientes físicos etc. devem estar matriculados em escolas da rede comum de ensino regular

Em 2008, o Ministério da Educação lança a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, no item IV apresenta como um dos objetivos:

[...] assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, orientando os sistemas de ensino para garantir: acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino [...]. (Brasil, 2008)

A política supracitada corrobora o movimento da inclusão dos alunos que são público-alvo da Educação Especial em escolas comuns inclusivas. Com isso, várias escolas específicas foram fechadas e os alunos precisaram ser matriculados nas escolas inclusivas, inclusive os surdos.

Com os movimentos da comunidade surda, um importante marco para os surdos brasileiros é a Lei Nº 10.436 de 24 de abril de 2002. Esta lei reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua oficial da comunidade surda brasileira, dotada de um sistema linguístico completo. No artigo 4º dessa lei diz que:

O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente. (Brasil, 2002)

De acordo com o artigo, a Libras deve ser um componente curricular obrigatório nos cursos de licenciatura e de Fonoaudiologia em todas as esferas educacionais. Isso garante que o Poder Público faça uso e difusão dessa língua.

O Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005 regulamenta a Lei Nº 10.436/2002 e estabelece algumas diretrizes para o acesso linguístico das pessoas surdas à educação, saúde e espaços públicos. Sobre o modelo educacional dos surdos, o item II do artigo 22º diz que os sistemas educacionais devem prover:

II - escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa. (Brasil, 2005)

O Decreto acima orienta que a educação de surdos deve ser em escolas bilíngues ou na escola comum do ensino regular. A escola bilíngue é um modelo em que a língua oficial utilizada é a Libras, a Língua Portuguesa assume o lugar de segunda língua na modalidade escrita. Já na escola comum do ensino regular, os surdos estudam juntamente com os alunos não surdos e as aulas são interpretadas para a Libras.

Este modelo é reforçado pelo item IV da Lei Nº 13.146 de 6 de julho de 2015, onde diz que a educação para alunos surdos deve ser por meio de “[...] oferta de educação bilíngue, em Libras como primeira língua e na modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas (Brasil, 2015).”

A Lei nº 14.191 de 03 de agosto de 2021, altera a LDB e passa a ofertar a modalidade de educação bilíngue para surdos, garantindo assim à comunidade surda o acesso ao desenvolvimento social, à cultura e principalmente à educação no seu próprio idioma. Conforme o artigo 60 desta Lei a modalidade de educação de surdos organiza-se da seguinte forma:

[...] a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos, para educandos surdos, surdo cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, optantes pela modalidade de educação bilíngue de surdos. (Brasil, 2021)

A educação bilíngue de surdos assegura que no processo educacional seja utilizada a Libras como primeira língua (L1) e português escrito como segunda língua (L2), além disso, tem como público-alvo alunos surdos, surdo-cegos, deficientes auditivos que sinalizam ou surdos com alguma deficiência associada.

Em uma escola bilíngue, por exemplo, os professores irão ministrar as disciplinas em Libras, usando materiais didáticos adaptados às necessidades dos alunos surdos, valorizando e respeitando suas especificidades linguísticas.

3 A Educação Física para Surdos

Para que haja de fato a inclusão durante as aulas de educação física e uma verdadeira adaptação de materiais é necessário que o professor de educação física tenha conhecimento da língua de sinais. Isso ajudará os alunos a aprenderem a Libras, visto que o aluno surdo tem direito por lei à garantia de educação no seu idioma. Além disso, irá promover a aprendizagem da língua de sinais com alunos ouvintes e a interação entre os ouvintes e surdos.

O passo inicial para a formação dos professores de Educação Física em relação aos alunos surdos e à Libras está em uma proposta de política linguística em nível nacional, garantida no Art. 3º do Decreto Nº 5.626/2005:

A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. (Brasil, 2005)

Conforme o documento legal, todos os cursos de licenciatura são obrigados a ter a disciplina de Libras, isso possibilita uma mudança gradual na formação desses profissionais

que irão se deparar com alunos surdos em suas salas de aula. Nesse movimento, inclui-se os professores de Educação Física.

Ao estudar a Libras na graduação e conhecer os fundamentos da educação de surdos, os professores se sentem mais preparados para realizar aulas inclusivas, pois conhecerão mais sobre cultura surda e dominarão, pelo menos, um pouco da língua dessa comunidade.

Outra possibilidade dessa política em nível nacional, está na abertura para que surdos tenham a oportunidade de ingressarem em cursos de todas as áreas do conhecimento e proporcionando a oportunidade de haver cada vez mais docentes surdos.

O professor que ministrará a disciplina de educação física para surdos, é fundamental que sua práxis docente seja na língua e na identidade do surdo que é através da Libras, uma vez que a educação física propiciará regras e práticas e há necessidade de todos os alunos, surdos e ouvintes, aprenderem todas as habilidades exigidas pela área do conhecimento.

Quando se trata do professor de Educação Física surdo, é importante a interação do professor surdo com os alunos durante as atividades, assim, é importante que haja materiais adaptados para a fácil compreensão dos alunos visto que os surdos são indivíduos visuoespaciais. Por isso é fundamental que o professor de educação física tenha conhecimento da cultura surda para poder fazer uma adequação nas atividades de educação física.

O trabalho visuoespacial na disciplina Educação Física é muito importante porque faz parte da cultura surda, é a forma mais adequada para que esses alunos adquiram os conhecimentos. A utilização da língua de sinais, das atividades imagéticas desenvolvem melhor a linguagem, a cultura e a identidade surda. O professor pode explorar atividades psicomotoras, cinestésicas, como danças, teatro, práticas corporais etc. Além de ser mais acessível para surdos, há um desenvolvimento cognitivo e socioafetivo.

Outro aspecto importante, está no fato de que o professor de educação física precisa criar formas de comunicação para que haja diálogo entre surdo e ouvinte, principalmente na língua de sinais, como leituras do português e da Libras num mesmo jogo, imagens e sinais, esportes e sinais, materiais e sinais, prática e sinais, todo um desenvolvimento da educação física.

4 Metodologia

O rigor metodológico dispensado ao trabalho científico é fundamental para o direcionamento da pesquisa, bem como no trato dos dados. Por isso, essa pesquisa possui uma abordagem qualitativa. De acordo com Guerra (2014, p. 11) a abordagem qualitativa se preocupa em “[...] aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos

indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social –, interpretando-os segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação. Em pesquisas na área da Educação Física é preciso compreender a tradição acadêmica da área. Isso se dá pelo fato de que este tipo de estudo é de ordem teórico-metodológica, diferente das pesquisas realizadas em áreas que lidam com o conhecimento da natureza.

Além disso, também foi utilizada a pesquisa narrativa. Como explicam Clandinin e Connelly (2011, p. 49), a pesquisa narrativa é importante, pois:

A experiência se desenvolve a partir de outras experiências e essas experiências levam a outras experiências. Dessa forma, Dewey entende que um critério da experiência é a continuidade. Há sempre uma história envolvida, que está sempre mudando. “Experiência acontece narrativamente. Pesquisa narrativa é uma forma de experiência narrativa”.

Conforme o excerto acima, a experiência se desenvolve a partir de outra experiência, sendo a pesquisa narrativa uma forma de experiência narrativa em vários outros campos do conhecimento científico e da sociedade.

O instrumento utilizado para a geração dos dados foi a carta autobiográfica enviada ao meu orientador de Trabalho de Conclusão de Curso, professor doutor Marcos Roberto dos Santos. Para Vieira e Bragança (2020, p. 02), a carta autobiográfica apresenta alguns aspectos importantes para a pesquisa, são eles:

[...] a escrita é potencialmente um lugar de constituição identitária e memória, forja um modo de ser-estar nosso com os outros, na vida-formação. A carta é um importante dispositivo de reflexão, encontro e relações entre pares e grupos. O cotidiano é potencialmente (per)formativo quando o vivido é refletido, escrito, narrado e compartilhado.

Desse modo, a escrita de si é de grande relevância para a reflexão da própria formação no percurso da pesquisa. É nela que se constrói identidade, materializa memórias e se compartilha conhecimentos. No ato de narrar e narrar-se podem estar envolvidos importantes fatos que contribuem também para a formação e reflexão do outro.

A carta autobiográfica foi produzida a partir das experiências vividas pelo pesquisador durante a disciplina de Estágio Supervisionado II, o qual foi realizado em uma escola comum do ensino regular situada na zona Sul de Manaus. Nessa fase do estágio, foi realizada a observação nas aulas de Educação Física do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

A análise dos dados se fundamentará na Análise de Conteúdo. Como conceitua Bardin (2004, p. 41) essa teoria se caracteriza pela

[...] análise das comunicações, que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem as inferências de conhecimentos relativos de condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”.

Após essa descrição, na próxima seção darei início ao tratamento a análise dos dados, que nos permitirá alcançar os objetivos e chegar a possíveis resultados.

5 Análise de dados

Como já foi mencionado anteriormente, o *corpus* analítico se trata de uma carta autobiográfica que aborda o meu percurso formativo, bem como minha experiência durante a disciplina de Estágio Supervisionado em uma escola comum do ensino regular, localizada no bairro Aparecida, em Manaus. Para fins de organização, as partes da carta analisadas foram chamadas de Trechos (T) e enumeradas sequencialmente.

Dessa forma, a análise foi dividida em duas seções, são elas: a) A disciplina de Educação Física no percurso formativo do aluno surdo, a qual traz relatos sobre os desafios enfrentados por mim durante as aulas de educação física e o acesso à universidade e; b) O acadêmico surdo no Estágio Supervisionado de Educação Física, que abordará as experiências, percepções e contribuições para o professor dessa disciplina surdo para alunos surdos e ouvintes. Tais categorias serão mais bem analisadas nas seções subsequentes.

5.1 A disciplina de Educação Física no percurso formativo do aluno surdo

Conforme mencionado anteriormente, essa seção se dedica a análise da carta autobiográfica, no que diz respeito ao acesso à disciplina de Educação Física ao longo de todo o meu percurso formativo, desde o ensino básico ao ensino superior. Para dar início, vale analisar o seguinte trecho que segue:

T1: No passado, quanto a minha história, foi que nasci ouvinte, mas adquiri uma doença que acarretou na surdez. Quando menino sempre tive curiosidades, como quanto às árvores e outras coisas. Brincava com meu irmão mas não sabia sobre o que estava jogando, eram diversos jogos e brincadeiras, inclusive futebol, na qual treinava muito [...]. (Maia Júnior, trecho da carta enviada a Marcos Santos em 20/09/2022)

Conforme o trecho citado acima, há o relato de que nasci ouvinte e adquiri a surdez posteriormente em decorrência de uma doença. É possível observar que o T1 possui uma relação direta com a concepção clínica de surdez, pois se utiliza as palavras *doença* e *surdez*. Santos (2017, p. 18) explica que:

[...] nessa concepção a explicação para surdez está em fatores fisiológicos como uma anomalia genética, traumas como quedas, exposição a sons muito altos, remédios muito fortes, doenças perinatal e pós-natal como sífilis, rubéola, meningite entre outras doenças crônicas e má alimentação.

O autor explica que a concepção clínica de surdez está relacionada diretamente a aspectos anatomofisiológicos, principalmente, focada na ausência de um sentido. Essa concepção de surdez teve início na década de 1880 e influencia a área de saúde, bem como as representações sociais até os dias de hoje. Essa influência também pode ser encontrada no campo educacional, como demonstra o T2:

T2: Quando garoto frequentei primeiramente a escola básica Instituto Filippo Smaldone, no entanto não conhecia os outros meninos surdos que também estudavam na mesma instituição, o primeiro treino foi de natação, mas não conseguia entender nada, uma vez que o professor não sabia Libras, posteriormente fiz corrida e ficava brincando com os amigos surdos. (Maia Júnior, trecho da carta enviada a Marcos Santos em 20/09/2022)

No T2, relato minha primeira experiência com a disciplina de Educação Física no Instituto Filippo Smaldone, que por muito tempo direcionou suas estratégias didático-pedagógicas em uma perspectiva oralista. Percebe-se que há uma dificuldade do aluno surdo participar das aulas, pois se baseiam em uma língua que não pertence ao povo surdo, a Língua Portuguesa.

Assim, é necessário que o professor de Educação Física pense e planeje as suas aulas de uma forma que envolva os alunos surdos e possibilita que estes tenham acesso ao conhecimento exigido no componente curricular de uma forma bilíngue. O bilinguismo para surdos possibilita sua plena participação nos processos educacionais e sociais, como pode ser observado no T3:

T3: Quando jovem, ingressei na Escola Augusto Carneiro dos Santos, uma escola de surdos, mas até então não sabia libras e fiz um curso para desenvolver o cognitivo, quando jovem fiz primeiro futsal, a professora sabia Libras mas sabia o básico, ensinava as regras do esporte para os alunos surdos, também as regras de voleibol, basquetebol etc. (Maia Júnior, trecho da carta enviada a Marcos Santos em 20/09/2022)

No T3, explico que ao ingressar na escola bilíngue de Manaus houve um desenvolvimento cognitivo porque se trata de um ambiente que considera o aspecto linguístico das pessoas surdas, além disso, o aprendizado das regras das modalidades esportivas se deu de forma mais satisfatória.

Sobre a educação bilíngue de surdos, a Lei Nº 14.191, de 3 de agosto de 2021 diz em seu artigo 60-A que:

Entende-se por educação bilíngue de surdos, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos, para educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, optantes pela modalidade de educação bilíngue de surdos. (Brasil, 2021)

A lei supracitada altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, inserindo uma modalidade educacional que tem como base o uso da Libras como primeira língua e da Língua Portuguesa como segunda, na modalidade escrita. Além disso, essa modalidade deve ser ofertada em escolas específicas para surdos, classes bilíngues ou escolas comuns, se o aluno surdo optar por ela. Por isso, é necessário que o professor de Educação Física planeje suas aulas e adote estratégias metodológicas que supram as necessidades dos alunos surdos, como linguísticas e visuais.

Quando o surdo ingressa na escola comum sente uma grande diferença, pois se trata de uma escola baseada em sons, diferente do universo cultural surdo, como demonstra o T4:

T4: Após ingressei numa escola inclusiva, por ser jovem e surdo senti muito diferença numa escola inclusiva, mais difícil, havia intérprete em sala de aula, precisava continuar os estudos, posteriormente o professor de educação física nos deixava com jogos de basquetebol, às vezes, nós, surdos, ficávamos sentados só vendo os outros alunos jogando. Faltava o professor ter interação com os alunos surdos, mas era algo difícil, após concluí o ensino médio, (Maia Júnior, trecho da carta enviada a Marcos Santos em 20/09/2022)

No T4 explico que na escola comum o professor não interage com os alunos surdos, tendo eles, mais dificuldade no aprendizado. Anteriormente havia grupos que treinavam futsal, mas o professor de Educação Física não se fazia presente nesta aula. Infelizmente, o intérprete de Libras teve que atuar como apoio técnico, porém esse apoio não é suficiente para levar a equipe da escola para competir com as demais escolas locais. Isso revela que houve oportunidades perdidas por não ter a interação do professor de Educação Física com os alunos surdos.

Comparando os relatos do T3 e T4, é possível perceber que a escola específica para surdos possibilita maior acessibilidade linguística para alunos surdos. Santos (2017, p. 39) diz que:

[...] ao entrar em contato com professores surdos e com outros surdos, o aluno desenvolverá um sentimento de pertencimento a uma cultura que também é surda, construindo modelos e referenciais baseados numa perspectiva visual-espacial e, ainda, uma autoestima elevada.

Conforme o pesquisador, a importância dos surdos estudarem em um ambiente que seja confortável linguisticamente reflete diretamente no processo de construção de ensino e aprendizagem, bem como no sentir-se pertence ao ambiente, representado e com a autoestima positiva. Quando o professor de Educação Física ignora esse aluno surdo há um impacto negativo, pois gera a segregação e o sentimento de abandono no aluno pela falta de interação, como é possível identificar no T4.

Após narrar os desafios enfrentados durante a escolarização básica, evidencia-se, também, que os surdos passam por dificuldades ao ingressar no ensino superior, como está evidenciado no T5:

T5: No ensino superior, primeiramente aprovei no curso de Pedagogia, pela UEA, mas perdi o período de inscrição porque minha mãe e meu pai estavam ocupados e não se atentaram ao período certo, fiquei muito triste. Mas em 2018, com o auxílio de um intérprete de libras, conseguir fazer a minha matrícula no vestibular da UEA para o curso de Educação Física e fui aprovado. Ele me ajudou também como período de matrícula para que eu não perceber os prazos novamente. (Maia Júnior, trecho da carta enviada a Marcos Santos em 20/09/2022)

Conforme relata o T5, enfrentei dificuldades a partir do momento de ingresso à universidade. No primeiro vestibular realizado fui aprovado no curso de Pedagogia, mas dependia da família para realizar a matrícula, uma vez que o edital da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) é publicado totalmente em Língua Portuguesa.

Já na segunda tentativa, fui aprovado no curso de Educação Física da UEA, dessa vez tive que solicitar auxílio de um amigo intérprete de Libras para realizar minha inscrição no vestibular e, posteriormente, a matrícula do curso. Assim, há uma violação da universidade ao direito fundamental de todos os cidadãos terem acesso à comunicação e informação, conforme assegura o Art. 63 da Lei Nº 13.146, de 6 de julho de 2015:

É obrigatória a acessibilidade nos sítios da internet mantidos por empresas com sede ou representação comercial no País ou por órgãos de governo, para uso da pessoa com deficiência, garantindo-lhe acesso às informações disponíveis, conforme as melhores práticas e diretrizes de acessibilidade adotadas internacionalmente. (Brasil, 2015)

O relato do T5 mostra que o direito de acesso à comunicação e à informação não é garantido pela UEA quando faz as publicações de seus editais de vestibular, de programas acadêmicos no nível do ensino, da pesquisa e da extensão sem a devida tradução para Libras, deixando o público surdo desinformado.

É importante que as instituições de ensino superior se empenhem para garantir que a comunidade surda tenha acesso a uma formação que seja igualitária, pois isso gera impacto da universidade na sociedade de maneira geral, como revela o T6:

T6: Estou lisonjeado, será meu primeiro trabalho na área de educação física, porque quero interação. Quando há um professor surdo interagindo, o aluno surdo tem conhecimento e adaptação de esporte, desenvolve experiências, conhecimento de regras e de quadra, também materiais adaptados em Libras. (Maia Júnior, trecho da carta enviada a Marcos Santos em 20/09/2022)

O excerto acima demonstra a importância da formação em nível superior para os membros da comunidade surda, quando esse processo se dá de forma adequada e acessível há uma contribuição da universidade para mudanças de práticas sociais segregadoras, possibilitando ascensão social e educacional para essas pessoas.

Os surdos são capazes de serem professores de Educação Física, além de contribuírem significativamente com a educação bilíngue de surdos, é a possibilidade de realização de sonhos, conforme o T6 ao afirmar que me sinto *lisonjeado* tanto pela formação, quanto pela oportunidade do meu primeiro emprego.

Além disso, a figura do professor surdo na relação com alunos surdos é de fundamental importância para a constituição identitária desse aluno. Lodi, Rosa e Almeida (2012, p.6) explicam que:

[...] a presença do professor surdo nos processos educacionais é de importância ímpar para a constituição da(s) subjetividade(s) dos alunos surdos, na medida em que é esse profissional que revela, por meio de sua prática, a Libras, língua que determina e é determinante dos aspectos culturais das comunidades surdas brasileiras. É esse profissional quem possibilita que alunos surdos, filhos de ouvintes, olhem a si próprios como surdos, apropriando-se de formas de se relacionar com o(s) outro(s) e com o mundo que difere daquela realizada por seus pais, professores e colegas ouvintes.

As autoras evidenciam que quando o aluno surdo possui um modelo de professor surdo, há um impacto positivo na construção não somente dos conhecimentos científicos da área ministrada, mas do desenvolvimento da subjetividade surda.

Como já foi mencionado, a Língua de Sinais faz parte da identidade surda. O acadêmico surdo se torna um professor experiente tendo relacionamento entre surdos e ouvintes, para que ambos possam ter seu desenvolvimento cognitivo através de experiências, conhecimentos e através da elaboração de conteúdos e jogos adaptados.

Outra experiência que tive foi a diferença da metodologia do professor ouvinte e do professor surdo, como ocorre o ensino de alunos surdos pelos professores ouvintes. Não há

inclusão, não há adaptação das atividades, muito diferente da metodologia de professores surdos que já são bem avançados quanto a essa questão de inclusão e adaptação de atividades.

Sobre a necessidade de adaptação das aulas de Educação Física para alunos surdos, a próxima seção traz à discussão alguns exemplos de metodologias que podem ser usadas nessa disciplina para incluir os alunos surdos nas atividades, bem como difundir a Libras na escola.

5.2 O acadêmico surdo no Estágio Supervisionado de Educação Física

Como foi mencionado anteriormente, esta seção se debruça sobre a análise do professor surdo durante o Estágio Supervisionado de Educação Física em uma escola comum do ensino regular de Manaus. A relação entre surdos e ouvintes no processo de ensino e aprendizagem precisa ser mediada e/ou adaptada para envolver a todos nas atividades, essa relação nem sempre é fácil.

Quando estive na escola para a ambientação, primeiramente tive contato com os alunos surdos, também foi mostrado como era organizada a frequência dos alunos e, em seguida, fomos realizar uma disputa de tênis de mesa com a participação deles.

Uma das dificuldades percebidas é que os alunos não sabiam Libras, pois não tiveram contato com a língua, que é importante para o desenvolvimento deles neste momento, uma vez que eu era o professor surdo e, como já foi discutido, a língua de sinais faz parte da formação da identidade do sujeito surdo. Essa experiência pode ser observada no trecho a seguir:

T7: Quando fui trabalhar as tabelas com os alunos, eles percebem que eu era surdo e falava em Libras. Uma das estratégias que encontrei para me comunicar com os alunos foi ensinar a Libras para eles, então adaptei os números das tabelas para números em Libras. No início, houve um pouco de dificuldade porque os alunos não entendiam o significado das mãos representando os números em Libras nas imagens da tabela, eu como surdo também senti um pouco de dificuldade porque estava sozinho no meio dos alunos ouvintes. (Maia Júnior, trecho da carta enviada a Marcos Santos em 20/09/2022)

Conforme o T7, fui o primeiro professor surdo que os alunos tiveram contato e que, para trabalhar o conteúdo da disciplina teve que ser realizada uma adaptação do material, com a finalidade de trabalhar todos os aspectos cognitivos e de desenvolvimento do esporte.

Diante da dificuldade sentida por mim, professor surdo em uma sala de aula com alunos ouvintes, além da adaptação do material, também ensinei os sinais utilizados no conteúdo da aula para que a comunicação ocorresse com mais fluidez. É necessário que tanto alunos quanto o professor surdo tenham conhecimento da sua própria identidade, para que as diferenças sejam respeitadas e valorizadas no processo de ensino e aprendizagem.

Uma experiência importante é a adaptação das brincadeiras feitas com os alunos, visto que o surdo é um sujeito visual, então as atividades e materiais podem ser adaptados para que sejam de fácil compreensão, como por exemplo brincadeiras que envolvam movimentos de corrida, saltos e outros, e no lugar do apito o professor possa usar bandeiras como estratégia visual. O trecho que segue relata que:

T8: Percebi que os alunos ouvintes não conheciam a Libras, senti dificuldade no que se refere à cultura diferenciada da comunidade surda e da comunidade ouvinte. Como surdo, usuário da Libras, essa será a minha língua de instrução, então para ensinar os alunos tive a ideia de fazer algumas adaptações como: a) trocar os apitos das atividades por bandeiras das cores vermelhas e verdes que possuem significados, a vermelha indica para parar, erros e a verde significa para prosseguir e final do jogo e; b) utilizei um apito para chamar a atenção dos alunos para que voltassem para a aula, pois acontecia de pedirem para beber água e demoravam muito. (Maia Júnior, trecho da carta enviada a Marcos Santos em 20/09/2022)

É necessário entender a diferença do desenvolvimento através do ensino de professores ouvintes e professores surdos. O professor surdo precisa adaptar bandeiras que substituam apitos pois a comunicação principal é Libras sendo assim a aula visual que faz parte da identidade surda.

5.3 Sugestões de atividades adaptadas para surdos

Nas seções anteriores da análise foi abordado sobre a disciplina de Educação Física sendo experienciada por mim, acadêmico aluno surdo, bem como as vivências e desafios enfrentados por mim na disciplina de estágio supervisionado do curso de Educação Física da UEA.

Como foi mencionado anteriormente, uma das estratégias encontradas por mim durante o estágio, foi o ensino dos sinais utilizados no conteúdo trabalhado para que a comunicação entre surdos e ouvintes ocorresse de forma mais eficaz, bem como a adaptação das atividades para Libras.

A adaptação de materiais e atividades nas aulas de Educação Física assim como o olhar do professor para os alunos surdos é de fundamental importância. Costa e Santos (2018, p. 301) afirmam que:

[...] ao desconsiderar a condição linguística do aluno surdo, as instituições de ensino (e os professores) insistem em utilizar as mesmas estratégias e metodologias de ensino elaboradas para alunos ouvintes, e que tais abordagens têm apresentado resultados pouco satisfatórios no ensino e aprendizagem desses alunos.

As autoras corroboram o que vem sendo discutido neste trabalho, se o professor não interage com os alunos surdos, não conhece a Língua de Sinais ou não planeja e adapta suas aulas e atividades para incluí-los, causa impacto diretamente no desenvolvimento da aprendizagem desses alunos.

Para contribuir com esse olhar sobre as necessidades de adaptação das aulas de Educação Física para surdos e ouvintes, a seguir serão propostas algumas atividades que podem ser adaptadas e aplicadas com os alunos. São elas:

a) *Amarelinha*: A Amarelinha é uma brincadeira que ajuda no desenvolvimento cognitivo e motor. Essa brincadeira pode ser adaptada para a Libras usando os números em língua de sinais. Em outras regiões essa brincadeira é conhecida como *sapata*, *macaca*, *jogo da pedrinha* e *pula-macaco*.

Importância dessa brincadeira ajuda no desenvolvimento motor e cognitivo, além de ajudar a criança a ter noção de espaço, controle de equilíbrio e o desenvolvimento dos dois hemisférios do cérebro.

Em uma perspectiva social, a brincadeira contribui para o desenvolvimento socioafetivo da criança, como aprender a compartilhar com outros, motivando a formação de uma personalidade equilibrada e contribuindo para o desenvolvimento intelectual e reflexivo da criança, atuando diretamente no desenvolvimento motor que trata do movimento e desenvolvimento.

Em uma sala de aula com pessoas surdas e não surdas é imprescindível que as atividades contemplem a todos. Por isso, proponho que o professor de sala de aula faça uma adaptação da brincadeira Amarelinha, como demonstrada na figura que segue:

Figura 1: Produção da brincadeira adaptada para surdos



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

A figura acima demonstra o processo de produção da atividade amarelinha adaptada para surdos. Primeiramente foi desenhada a estrutura do jogo amarelinha em papel madeira e, em seguida, foram colados os números e as letras em alfabeto manual. As imagens com as letras e números em Libras foram impressas na fonte *true type Libras 2002*.

Após a produção, a figura que segue mostra a atividade pronta:

Figura 2: Brincadeira Amarelinha adaptada para surdos



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

A brincadeira Amarelinha além de proporcionar todos os benefícios de aprendizagem descritos anteriormente, também tem como materialização linguística a utilização dos numerais e de algumas letras do alfabeto para formar a palavra *céu*.

Na atividade adaptada, o sistema de escrita dos números e das letras em Língua Portuguesa foi substituído por configurações de mãos que representam os números cardinais em Libras, assim como as letras do alfabeto manual da Libras.

Essa atividade se apresenta de forma muito rica e complexa, pois possibilita a socialização entre os alunos surdos e ouvintes por meio do compartilhamento da língua de sinais entre todos. Dessa forma, a aula imprime nos alunos um currículo de respeito ao surdo e de valorização da língua e da identidade desses alunos.

Ainda na discussão da adaptação das atividades para que os alunos surdos se sintam incluídos nas aulas de Educação Física, a seguir apresento uma adaptação de sinais visuais com algumas atividades com bolas.

b) Sinais visuais: Como foi mencionado anteriormente, essa seção tem como finalidade apresentar algumas estratégias para se trabalhar com alunos surdos e ouvintes, principalmente quando se trata de esportes de invasão, por exemplo, o futebol, o vôlei, o basquete, o handebol, a queimada etc.

Nesse tipo de esportes é muito comum os surdos serem excluídos ou terem dificuldades para compreenderem alguns comandos, visto que as orientações do professor/técnico e/ou juiz são, majoritariamente orais e auditivas, como os apitos e as orientações em Língua Portuguesa.

Ao fazer o estágio senti essa dificuldade em uma turma com alunos ouvintes, pois eram falantes de línguas diferentes. Dessa forma, a maneira mais adequada para que alguns comandos fossem compartilhados seria a de estabelecer alguns códigos visuais, como a utilização de bandeiras coloridas, como se pode observar na imagem:

Figura 3: Bandeiras utilizadas nos esportes de invasão adaptados



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Quando se trata de esportes de invasão, as principais formas de comunicação entre o professor e/ou técnico são orais e auditivas, como o apito e as orientações em Língua Portuguesa. Ao refletir sobre estratégias de adaptação desses esportes para alunos surdos, propus a utilização das bandeiras em cores verdes e vermelhas como códigos que compõem uma linguagem visual.

As cores das bandeiras passam a produzir sentido visual tanto para surdos quanto para ouvintes no contexto dos esportes de invasão, por exemplo, no futebol, no vôlei, no basquete, no handebol, na queimada etc., a cor verde pode significar: 1) início do jogo; 2) orientação de passes da bola; 3) seguir o jogo etc. Já a bandeira vermelha pode significar: 1) final do jogo; 2) expulsão; 3) chamar atenção para erros/faltas etc.

Em esportes como atletismo, por exemplo, as cores das bandeiras podem significar a lateralidade, indicação da direção para direita ou para a esquerda. Agindo dessa forma, o professor de Educação Física surdo ou ouvinte adota estratégias metodológicas acessíveis linguisticamente para que a inclusão ocorra de fato.

Dessa forma, as adaptações apresentadas neste trabalho com a inserção dos sinais ou com as bandeiras coloridas demonstram a necessidade de difundir a língua de sinais e a cultura surda, bem como o experimento do movimento corporal, pois os alunos precisam primeiramente observar o professor surdo realizar o movimento da atividade para executá-la em seguida, tendo em vista a importância da prática visual para o melhor desenvolvimento social e cognitivo do aluno.

Considerações Finais

A realização dessa pesquisa foi de suma importância para a compreensão de que os professores de Educação Física, surdos e ouvintes, precisam buscar estratégias para que as aulas em escolas comuns do ensino regular sejam acessíveis e inclusivas para todos, como propõe o modelo bilíngue.

Conforme discutido no trabalho, o bilinguismo pode ser em escolas bilíngues de surdos, que têm a Libras como língua de instrução e Língua Portuguesa como segunda língua escrita, ou pode ocorrer também em escolas comuns do ensino regular em que há a presença da Língua Portuguesa como primeira língua e do profissional tradutor e intérprete realizando a interpretação no par linguístico Libras – Português e vice-versa.

No caso deste trabalho, a pesquisa se deu em uma escola comum do ensino regular e evidencia que, embora o Brasil tenha um grande aparato de legislação sobre a Libras e a educação de surdos, ainda há um longo caminho a percorrer para que a inclusão desses alunos

aconteça de fato, uma vez que a língua de sinais e a cultura surda ainda é pouco valorizada no âmbito escolar e social.

Por outro lado, a pesquisa tendo como base a pesquisa narrativa e a carta autobiográfica tem a finalidade de evidenciar todos os desafios que eu, como surdo, enfrentei ao longo de todo o meu percurso de formação escolar e acadêmica. A escola e a universidade ainda não estão totalmente preparadas para receber os alunos surdos.

A narrativa autobiográfica aqui apresentada não tem uma proposta de falar de superação, mas mostrar as conquistas, como ser o primeiro aluno com identidade surda, usuário de Libras, a se formar no curso de Educação Física da Universidade do Estado do Amazonas. Espero que esse compartilhamento da minha história possa contribuir tanto para inspirar futuros acadêmicos surdos na instituição, bem como para a reflexão da práxis pedagógica dos docentes e dos futuros professores.

A academia estar preparada para receber alunos surdos é muito importante, pois esse modelo de representatividade ao ter um professor de educação física surdo é uma experiência bastante positiva para o desenvolvimento da prática das atividades com os alunos surdos na educação básica. Outro ponto positivo é a adaptação e organização dos esportes com materiais adaptados que são bem aceitos pelos alunos no ambiente escolar.

A adaptação das aulas em Libras também é fundamental para o desenvolvimento prático tanto do professor quanto dos alunos, conseguindo assim trabalhar tanto aspectos psicomotores quanto cognitivos dos alunos, como foi o caso da adaptação da brincadeira *Amarelinha* em Libras porque ajudou os alunos ouvintes a conhecerem a Libras e isso impactou de maneira positiva na interação dos alunos surdos e ouvintes gerando uma boa relação entre a turma.

Portanto, a interação social para os alunos surdos é bastante importante pois os ajuda no desenvolvimento da sua identidade como sujeito surdo, também contribui para a percepção da importância da prática de atividades físicas na melhora da qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional - LDBEN**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 22 jan. 2024.

BRASIL. Lei 10.436 de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências**. Brasília: Planalto, 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 13 abr. 2021.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. **Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil>. Acesso em: 03 nov. 2023.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva.** MEC/SEESP, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2024.

BRASIL. Lei Nº 13.146 de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 01 dez. 2023.

BRASIL. Lei Nº 14.191 de 3 de agosto de 2021. **Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/114191.htm. Acesso em: 29 ago. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2004.

CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa.** Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

COSTA, Larissa da. SANTOS, Lara Ferreira dos. Adaptação de materiais/recursos na educação de surdos: uma revisão bibliográfica. **Comunicações**, v. 25, n. 3, Piracicaba, 2018. p. 293-320. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacoes/article/view/3769>. Acesso em: 15 dez. 2023.

FERREIRA, Lucinda. **Por uma gramática de línguas de sinais.** [reimpressão]. Rio de Janeiro – Tempo Brasileiro: 2010.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. **Linguagem, Surdez e Educação.** 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

GUERRA, Elaine Linhas de. **Manual de pesquisa qualitativa.** Belo Horizonte: Grupo Ânima Educação, 2014. Disponível em: <https://docente.ifsc.edu.br/luciane.oliveira/MaterialDidatico/P%C3%B3s%20Gest%C3%A3o%20Escolar/Legisla%C3%A7%C3%A3o%20e%20Pol%C3%ADticas%20P%C3%ABlicas/Manual%20de%20Pesquisa%20Qualitativa.pdf>. Acesso em: 10 mar 2023.

LODI, Ana Claudia Balieiro; ROSA, André Luís Matiulli; ALMEIDA, Elomena Barboza de. Apropriação da Libras e o constituir-se surdo: a relação professor surdo-alunos surdos em um contexto educacional bilíngue. **ReVEL**, v. 10, n. 19, 2012. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/0cfd4d051631c1ba66ec76d39d537ac8.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2023.

NOVAES, Edmarcius Carvalho. **Surdos: Educação, Direito e Cidadania**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2010.

SANTOS, Marcos Roberto dos. **Educação de Surdos: o discurso da inclusão produzido por surdos e ouvintes**. Dissertação (mestrado em Letras e Artes) – Escola Superior de Artes e Turismo, Universidade do Estado do Amazonas. Manaus, p. 137, 2017. Disponível em: <https://pos.uea.edu.br/data/area/dissertacao/download/27-26.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2023.

STROBEL, Karin Lilian. Histórias dos Surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas. In: QUADROS, Ronice Müller de; PERLIN, Gladis (Orgs.) **Estudos Surdos II**. Petrópolis: Arara Azul, 2007.

UNESCO. **Declaração de Salamanca: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2023.

VIEIRA, Juliana. BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Pesquisa formação narrativa (auto)biográfica e a escrita de cartas como modo de dizer-ser. **Crítica Educativa**, v. 06, 2020, p. 01-17. Sorocaba: UDSCar. Disponível em: file:///C:/Users/mrdsantos/Downloads/bnakayama,+Artigofinal+Juliana_486.pdf. Acesso em: 10 mar 2023.

ANEXO

ANEXO 1: Carta autobiográfica

Manaus – AM, 20 de setembro de 2022

Para: Prof. Me. Marcos Roberto dos Santos

Prezado professor e orientador de TCC,

É com grande satisfação que venho relatar um pouco da minha experiência enquanto surdo e acadêmico do curso de Educação Física da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Para iniciar, vale dizer que escrever uma carta falando de si não é uma tarefa fácil, pois temos uma história tão longa, cheia de eventos, mas precisamos fazer recortes temporais para que parte de nossa vida caiba nessa carta.

Me chamo Gilberto de Araújo Maia Júnior, o filho mais velho dos meus pais e tenho dois irmãos mais novos, um irmão e uma irmã. Atualmente, meus pais são divorciados e resido com minha mãe e meus irmãos. Quero frisar nessa carta, a priori, como me tornei surdo e a minha trajetória escolar e acadêmica, com ênfase nas aulas de educação física, logo em seguida, falarei sobre minhas percepções sobre as abordagens metodológicas das aulas de educação física em uma escola comum do ensino regular de Manaus. Bem, vamos lá!

No passado, quanto a minha história, foi que nasci ouvinte, mas adquiri uma doença que acarretou na surdez. Quando menino sempre tive curiosidades, como quanto às árvores e outras coisas. Brincava com meu irmão mas não sabia sobre o que estava jogando, eram diversos jogos e brincadeiras, inclusive futebol, na qual treinava muito, já que ficava sozinho em casa, meu primo que é deficiente intelectual sempre me chamava para jogar e meu irmão acompanhava, isso era quase todos os dias e era muita alegria quando fazíamos gol.

Quando garoto frequentei primeiramente a escola básica Instituto Filippo Smaldone, no entanto não conhecia os outros meninos surdos que também estudavam na mesma instituição, o primeiro treino foi de natação, mas não conseguia entender nada, uma vez que o professor não sabia Libras, posteriormente fiz corrida e ficava brincando com amigos surdos.

Quando jovem, ingressei na Escola Augusto Carneiro dos Santos, uma escola de surdos, mas até então não sabia Libras e fiz um curso para desenvolver o cognitivo, quando jovem fiz primeiro futsal, a professora sabia Libras, mas sabia o básico, ensinava as regras do esporte para os alunos surdos, também as regras de voleibol, basquetebol etc. Depois de jovem surdo o aprendizado foi menor. Posteriormente fiz a formatura do 9º ano.

Após ingressei numa escola inclusiva, por ser jovem e surdo senti muita diferença numa escola inclusiva, mais difícil, havia intérprete em sala de aula, precisava continuar os estudos, posteriormente o professor de educação física nos deixava com jogos de basquetebol, as vezes, nós, surdos, ficávamos sentados só vendo os outros alunos jogando. Faltava o professor ter interação com os alunos surdos, mas era algo difícil, após concluí o ensino médio.

No ensino superior, primeiramente aprovei no curso de Pedagogia, pela UEA, mas perdi o período de inscrição porque minha mãe e meu pai estavam ocupados e não se atentaram ao período certo, fiquei muito triste, também não consegui passar no ENEM, foram duas tentativas.

Mas em 2018, com o auxílio de um intérprete de Libras, consegui fazer a minha matrícula no vestibular da UEA para o curso de Educação Física e fui aprovado. Ele me ajudou também com o período de matrícula para que eu não perdesse os prazos novamente. Estou, atualmente, cursando o último período do curso de educação física na UEA. No futuro pretendo ser professor surdo e o primeiro a trabalhar com os alunos surdos utilizando a língua de sinais, desenvolvendo o surdo e sua identidade, uma vez que é normativa legal (LIBRAS), estou muito

feliz porque serei professor surdo e a língua de sinais nos dá a capacidade de comunidade, o aluno surdo é identidade, desenvolvendo a cultura e sociedade.

Estou lisonjeado, será meu primeiro trabalho na área de educação física, porque quero interação. Quando há um professor surdo interagindo, o aluno surdo tem conhecimentos e adaptação de esporte, desenvolve experiências, conhecimentos de regras e de quadra, também materiais adaptados em Libras.

Após minha narrativa sobre o meu percurso formativo, quero dizer agora, professor, sobre as minhas percepções e experiências durante as minhas visitas da disciplina de Estágio Supervisionado I e II, em turmas do 6º ao 9º ano de uma escola comum do ensino regular no bairro Aparecida, em Manaus. Minha experiência foi desafiadora, pois só havia alunos ouvintes na escola e eu era o único surdo neste momento, fiquei me questionando: como vou conseguir interagir e fazer a regência da aula? Será que os alunos me entenderão?

Minha primeira experiência no estágio como regente foi sobre os jogos referente à Copa do Mundo do Catar, eu fui o primeiro a ir na escola quando começou os jogos e os esportes direcionados aos alunos, pois a professora me pediu para ajudá-la na organização das tabelas das seleções.

Quando fui trabalhar as tabelas com os alunos, eles perceberam que eu era surdo e falava em Libras. Uma das estratégias que encontrei para me comunicar com os alunos foi ensinar a Libras para eles, então adaptei os números das tabelas para números em Libras. No início, houve um pouco de dificuldade porque os alunos não entendiam o significado das mãos representando os números em Libras nas imagens da tabela, eu como surdo também senti um pouco de dificuldade porque estava sozinho no meio dos alunos ouvintes.

Quando a Beatriz, minha tutora, chegou na escola, juntos explicamos que as mãos se tratavam de números em Libras, explicamos o que era Libras e ensinamos os números sinalizados para eles, foi perceptível que os alunos se interessaram muito, pois tinham curiosidade para entender o que estava na atividade, nos faziam muitas perguntas.

Percebi que os alunos ouvintes não conheciam a Libras, senti dificuldade no que se refere à cultura diferenciada da comunidade surda e da comunidade ouvinte. Como surdo usuário da Libras, essa será a minha língua de instrução, então para ensinar os alunos tive a ideia de fazer algumas adaptações como: a) trocar os apitos das atividades por bandeiras das cores vermelhas e verdes que possuem significados, a vermelha indica para parar, erros e a verdade significa para prosseguir e final do jogo e; b) utilizei um apito para chamar a atenção dos alunos para que voltassem para a aula, pois acontecia de pedirem para beber água e demoravam muito.

É, professor Marcos, um professor surdo ministrar aulas para alunos ouvintes é um grande desafio, mas que não é impossível, pois apesar dos surdos terem cultura visual e espacial, os alunos ouvintes também podem aprender por meio da visualidade. É preciso pensar estratégias metodológicas e didáticas que façam uma ponte entre o conteúdo a ser ensinado na disciplina de Educação Física e a Libras, como forma de difusão dessa língua e acessibilidade para surdos.

Bem, esses relatos são recortes da minha vida escolar e acadêmica que espero que possa contribuir para a formação de outras pessoas surdas, bem como para repensar a Educação Física para professores surdos ministrarem aulas não somente para alunos surdos, mas para alunos ouvintes também. Fico por aqui!

Atenciosamente,